

CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO DIGITAL E A IDEIA RIZOMÁTICA DE DELEUZE E GUATTARI

DIGITAL LITERACY CONCEPTIONS AND THE RHYZOMATIC IDEA OF DELEUZE AND GUATTARI

Maria José Albuquerque Santos **1**

Raíssa Oliveira Everton **2**

Ronaldo Silva Júnior **3**

Resumo: É notório que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), representam uma linguagem de comunicação e um meio de trabalho essencial nos dias de hoje. Este artigo tem como objetivo analisar as concepções de letramento digital e a ideia rizomática proposta por Deleuze e Guattari. Para isso, desdobra-se em identificar as concepções de letramento digital; conhecer a ideia de rizoma, na perspectiva de Deleuze e Guattari; elencar contribuições na ideia de letramento digital com base no estudo de rizoma. Destacou-se como questão norteadora: Quais as noções sobre o letramento digital e como este se relaciona com o rizoma, enquanto um conceito da pós- modernidade? Diante disso, utilizou-se como recorte teórico, autores como Soares (2003); Buzato (2003); Lévy (1999); Borges (2016); Deleuze e Guattari (2005; 1996; 1995), entre outros. O caminho metodológico trilhado foi a pesquisa exploratória e bibliográfica, com base na abordagem essencialmente qualitativa.

Palavras-chave: Práticas Sociais. Rizoma. Tecnologias da Informação.

Abstract: It's notorious that Information and Communication Technologies (ICT) represent a language of communication and an essential means of work in the present days. This article has the goal of analyze the digital literacy conceptions and the rhizomatic idea proposed by Deleuze and Guattari. For that, it unfolds in identifying the conceptions of digital literacy; to know rhizome's idea, in the perspective of Deleuze and Guattari; list contributions to the idea of digital literacy based on the study of rhizome. It stood out as a guiding question: what are the notions of digital literacy and how does it relate to the rhizome's study, as a concept of postmodernity? Given this, authors like Soares (2003), Buzato (2003); Lévy (1999); Borges (2016); Deleuze e Guattari (2005; 1996; 1995), among others, have been used as theoretical outline. The methodological path chosen was the exploratory and bibliographic research, based on an essentially qualitative approach..

Keywords: Social Practices. Rhizome. Information Technologies.

-
- 1** Pedagogia, UFMA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7813056400960470>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5743-9290>. E-mail: maria.albuquerque@ufma.br
 - 2** Pedagogia, UFMA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1970441688404495>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6842-1237>. E-mail: raissaoe@gmail.com
 - 3** Pedagogia, IFMA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9643848248605333>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8003-1314>. E-mail: ronaldo.junior@ifma.edu.br

Considerações iniciais

Para denominar os tempos vividos atualmente é recorrente o uso de expressões como “globalização”, “pós-modernidade”, “sociedade da informação”, “sociedade em rede”, “cibercultura”, entre outros. Estes cenários têm como convergência tornar possível novas formas de pensar, de ver e de ler o mundo. Para isso, um componente fundamental da atualidade são os recursos tecnológicos.

Segundo Castells (1999, p. 499), a “convergência da evolução social e das tecnologias da informação criou uma nova base material para o desempenho de atividades em toda a estrutura social.” Assim, a base material construída define os processos sociais, e dão forma a estrutura social.

Nota-se que no universo de desenvolvimento tecnológico, o aperfeiçoamento de algumas tecnologias e a criação de outras novas, ao longo dos anos, possibilitou tanto a produção quanto circulação de informações e conhecimentos numa velocidade impressionante.

Dessa forma, as chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), representam uma linguagem de comunicação e um meio de trabalho essencial nos dias de hoje. Além disso, constituem um suporte do desenvolvimento humano em diversas dimensões: pessoal, social, cultural, entre outras. Dessa maneira, considera-se que a linguagem da era digital tem mudado de forma mais acelerada que em contextos passados da evolução linguística (SOUZA, 2007).

Infere-se, pois, que o letramento dialoga com a ideia da conectividade, multiplicidade, ruptura. Tais ideias têm congruência com a ideia rizomática, de autoria de Deleuze e Guattari (1995). Segundo os autores, a noção de rizoma é um mapa que “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente.” (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p. 22).

Neste sentido, a problematização parte de como a perspectiva de rizoma contribui na concepção de letramento digital nos dias atuais. E, assim, apresenta como objetivo central analisar as concepções de letramento digital e a ideia rizomática proposta por Deleuze e Guattari.

Por isso, como questão norteadora do trabalho destaca-se: quais as noções sobre o letramento digital e como este se relaciona com o rizoma, enquanto um conceito da pós-modernidade, que, de certa forma, remete à plasticidade.

Para justificar o trabalho considera-se o interesse em entender com mais domínio a temática, baseado em autores pós-críticos já estudados no grupo de pesquisa que se faz parte.

Por fim, o tipo de pesquisa desenvolvida visa gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. É um tipo de pesquisa exploratória, já que busca investigar e promover mais informações sobre o assunto, com abordagem qualitativa, pois considera a relação dinâmica entre a realidade observável e o sujeito. Assim, o procedimento da pesquisa adotado foi a pesquisa bibliográfica, em que buscou embasamentos teóricos com visão de autores da área para melhor entender o assunto.

Diante do exposto, este estudo se encontra dividido em 05 seções, nas quais, a primeira corresponde a esta Introdução, em que se destacou o problema de pesquisa, juntamente com os objetivos e questão norteadora. Na segunda seção, abordou-se o “Letramento digital: para quê?”, como uma breve discussão sobre a ideia do letramento digital e suas variáveis.

Já na terceira seção, “Rizoma: ideias iniciais”, deu-se um enfoque as questões relacionadas ao rizoma, suas concepções e os princípios que propõe. Posteriormente, na quarta seção, “Letramento digital e rizoma: contribuições”, foi apresentado a relação do fenômeno letramento digital e o sistema rizomático. Na quinta e última seção, os achados da pesquisa são enfatizados nas considerações finais.

Letramento digital: para quê?

O termo letramento surgiu no fim do século XIX, com o intuito de definir novas ideias. Na Europa, a sociedade estava mais centrada na escrita, à medida que o analfabetismo era erradicado,

fazendo nascer o termo. Para Soares (2002), letramento envolve o convívio com práticas de leitura e escrita, considerando sua origem inglesa ou francesa datada do século XIX. Em português, segundo Kleiman (2005, p.17), “a primeira autora a cunhar essa palavra foi Kato, em 1986”.

Dessa forma, a palavra letramento deriva de *literacy* que vem do latim *littere* (letra) sufixo *cy* (qualidade, condições, estado, fato). Pois, *literacy* é o estado, condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Por conseguinte, pode-se afirmar que a escrita produz efeitos sociais, culturais, políticos, econômicos e cognitivos.

Para Tfouni (1998), o letramento é o processo de aquisição de um sistema escrito, em que busca ver a sociedade considerando os aspectos sócio-históricos ligados ao social e cultural. Ademais, o letramento é associado ao conjunto de práticas sociais, orais e escritas, que ocorre no espaço das relações sociais.

Considera-se, pois, a existência de várias abordagens teóricas sobre o letramento, mas todas apontam para o entendimento de ações que visam formar pessoas letradas, com a capacidade de resolver situações do cotidiano, de sua vida em geral (SCHONS; VALENTINI, 2012).

No Brasil, o estudo sobre letramento tem-se tornado mais amplo e difundido por diversos autores, tais como: Tfouni (1995); Kleiman (1998); Soares (2004); entre outros. De modo conjunto, fica evidente que há mudanças nas práticas de leitura e escrita com as novas tecnologias e o uso de ferramentas digitais.

É interessante notar que o uso de tecnologias possibilita o surgimento de práticas sociais como as situações de letramento. Assim, o letramento digital pode ser considerado o domínio das ferramentas digitais, e, busca da inserção do indivíduo na sociedade, incluindo digitalmente na moderna era informacional por meio de novas ferramentas tecnológicas, como por exemplo: computador, caixa eletrônico, cartão magnético, outros.

Segundo Buzato (2010), é como se a informação fosse uma segunda língua. O letramento digital provoca a apropriação de uma tecnologia. Ele surge para designar novos fenômenos, da cultura escrita na sociedade. No entanto, para ser letrado não basta saber o código escrito, ter conhecimento do sistema de escrita, já que para participar das práticas sociais da cultura escrita é preciso conhecimentos, valores. Essas práticas não são difundidas de maneira igual, o que acarreta na exclusão.

Nesse sentido, Lévy (1999, p. 17) define,

Letramento digital como um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.

Infer-se, pois, que o letramento digital abrange não apenas saber usar o computador e seus componentes, mas também selecionar, filtrar e avaliar informações disponíveis digitalmente. Dessa forma, é possível construir, explorar e pesquisar, ensinar e criticar, compreendendo as redes de práticas sociais. Isto porque, o espaço da escrita foi modificado, não se limitando apenas o papel como também englobando os meios digitais, o que possibilita novas formas e gêneros textuais.

Soares (2002, p. 151) afirma que o “novo” espaço da escrita, “traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento”.

Dentre essas mudanças, vale considerar o aspecto linguístico-cognitivo.

Como prática cotidiana da cultura digital, nós podemos desenvolver, a partir dos recursos do mundo digital, habilidades linguístico-cognitivas, assim denominadas já que para sua realização necessitam ativar a linguagem e, conseqüentemente, a cognição. São processos como a atenção, a memória, a percepção, a realização de inferência, entre outras, necessários para o acesso a páginas da rede, leitura de hipertexto, entendimento do funcionamento de links, participação em jogos digitais, acesso a sites, participação

em redes sociais, entre outras atividades com as ferramentas digitais (BORGES, 2016, p. 705).

Observa-se, pois, que os processos da metacognição são variados tanto no letramento tradicional como no digital, não podendo concluir que possuam níveis de letramento superiores entre si. Conquanto, deve-se ponderar que, na sociedade contemporânea, é necessária a apropriação dos dois tipos de letramento (tradicional e digital) para melhor adequar as exigências sociais atuais. Lévy (1999, p. 62) entende que,

A recepção de uma mensagem pode colocar em jogo diversas modalidades perceptivas. O impresso coloca em jogo sobretudo a visão, em segundo lugar o tato. Desde que o cinema é falado, ele envolve dois sentidos: visão e audição. As realidades virtuais podem colocar em jogo a audição, o tato e a cinestesia (sentido interno dos movimentos do corpo).

Tudo isso decorre do novo modo de entender a sociedade: a cibercultura. No dicionário eletrônico Houaiss, o termo cibercultura deriva da palavra inglesa *cybernetics*, resultado da importação do grego *kubernétikê* que reporta a “arte de pilotar, arte de governar”. Dessa forma, considera-se que a cibercultura possui raízes no pensamento cibernético, de controle e transformação do mundo em dados binários (BORGES, 2016).

Norbert Weiner, norte americano, foi o matemático pioneiro no uso e estudo da cibercultura. Acreditava que a cibernética era uma teoria que abarcava a mente, o corpo humano e o mundo das máquinas. Além disso, na metade do século XX, antes de Weiner, Alan Turing, matemático inglês, demonstrou que qualquer enunciado poderia ser descrito por meio de uma formalização, executada através de uma máquina, salientada como máquina universal.

Com isso, a relação dos homens com as máquinas é totalmente mudada, pois atribuem à máquina a função humana de “pensar”. Essa função diz respeito à mecanização de qualquer cálculo lógico-matemático, já que operava com um código binário. Este marco é o que possibilitou a invenção e construção dos computadores de hoje.

Assim, para Lemos (2003, p. 11-12),

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (home banking, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros).

A cibercultura, portanto, compreende a cultura contemporânea, caracterizada pela construção de processos coletivos; pelas redes telemáticas; pela sociabilidade on-line, pela navegação universal e pela informação. Destarte, o maior desafio dessa cultura constitui-se na dimensão comunicacional.

Uma das preocupações desta dimensão é a despeito do acesso às tecnologias. A inclusão digital é aquela que acompanha a comunicação mediada pelas tecnologias de informação.

(...) podemos perceber, sem muita dificuldade, que o termo inclusão digital tem relação direta com a sua antagônica exclusão digital. O dualismo inclusão/exclusão digital compõe os principais sentidos atribuídos aos referidos termos. Para minimizar ou combater a exclusão das pessoas de uma dinâmica social caracterizada pelo uso intensivo das tecnologias de base digital, empreende-se ações de inclusão digital (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p. 24-25).

Dessa forma, a inclusão digital está diretamente relacionada com a inclusão social. Ainda assim, a inclusão digital provoca diversas discussões, já que os significados e objetivos cunhados ao termo suscitam diversos debates acadêmicos. Em sua análise, Bonilla e Oliveira (2011, p. 24) problematizam com questões como “(...) treinar pessoas para o uso dos recursos tecnológicos de

comunicação digital seria inclusão digital? (...) Democratizar o acesso a tais tecnologias seria, então, incluir digitalmente? Não há consensos para tais questões.”

Sabe-se, pois, da relevância que há na inclusão digital de forma que se tornou pauta de políticas públicas no ano de 2000, no Brasil, por meio do lançamento do *Livro Verde – Sociedade da Informação*, já que se identificavam as desigualdades quanto ao acesso de grandes contingentes populacionais as TIC.

Diante disso, observa-se que o letramento digital é favorecido pelo acesso as tecnologias digitais e que, necessita de apropriação do uso das TIC em tempo da cibercultura, uma vez que é caracterizada pela alfabetização tecnológica, isto é, tornar possível a utilização das ferramentas digitais.

Corroborando com o exposto acima, é válido também se traçar um paralelo com a alfabetização científica que aponta uma crítica para uma alfabetização que seja científica, cuja principal finalidade seja apenas uma melhor compreensão do mundo, sem atribuir ao aluno a capacidade de ter uma postura crítica perante os acontecimentos do seu cotidiano. Nas palavras de Chassot (2003, p.91), “a alfabetização científica pode ser considerada como uma das dimensões para potencializar alternativas que privilegiam uma educação mais comprometida”. Chassot defende a alfabetização científica e amplia ainda mais a sua importância como destacado por ele:

[...] seria desejável que os alfabetizados cientificamente não apenas tivessem facilitada leitura do mundo em que vivem, mas entendessem as necessidades de transformá-lo – e, preferencialmente, transformá-lo em algo melhor. Tenho sido recorrente na defesa da exigência de com a ciência melhorarmos a vida no planeta, e não torná-la mais perigosa, como ocorre, às vezes, com maus usos de algumas tecnologias (CHASSOT, 2003, p.94).

Isso é ressaltado também por Fourez (2003, p. 45), “o objetivo da Alfabetização Científica e Tecnológica não é uma série de conhecimentos particulares, mas um conjunto global que nos permite reconhecemo-nos no universo”. Ou seja, é preciso tanto compreender o que acontece como saber se posicionar frente ao mesmo.

Rizoma: ideias iniciais

O termo “rizoma” foi empregado pela primeira vez por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1975) em uma obra francesa *Rhizome*, e posteriormente publicada como um dos capítulos do livro *Mil Platôs* (2000). Em seus relatos, são apresentados conceitos, noções e propostas práticas, que auxiliam ponderações epistemológicas quanto aos fenômenos contemporâneos, entre eles, a educação.

Souza (2012, p. 235-236) destaca que os apontamentos do rizoma ligados à educação, relacionam esta, principalmente, com as novas tecnologias. Explica que,

como uma tentativa de estabelecer um modelo de pensamento não linear, que abarque a multiplicidade de conexões, sem privilegiar este ou aquele conhecimento, também chamado sinonimamente (mesmo que de maneira equivocada, já que as redes se propagam, ou melhor, são tecidas com uma única linha) de pensamento em rede, que estaria se desenvolvendo no bojo das tecnologias da inteligência, nas relações interativas entre homem e a máquina e entre homens através/com a máquina, que impulsionam as discussões sobre o fenômeno educativo na atualidade.

Dessa forma, o rizoma se configura a partir de princípios da conectividade, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura, cartografia e decalque. Sua teoria epistemológica prever a organização dos elementos não deve seguir um padrão hierárquico, que comporia a raiz, o poder, mas sim que os elementos se comportassem em equiparidade, de maneira que permitisse que cada um liga-se aos demais (BORGES, 2016).

O mundo tornou-se caos, mas o livro permanece sendo imagem do mundo, caosmo-radícula, em vez de cosmo-raiz. (...) Na verdade não basta dizer viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p. 14).

Deste modo, rizoma, no sentido mais amplo, refere-se a uma forma de compreensão da vida como um sistema de conexões, sem início nem fim, delineado por linhas, estratos, intensidades e segmentaridades. A ideia e imagem de rizoma são advindas da botânica e configura-se em uma haste subterrânea com ramificações em todos os sentidos, como os bulbos e os tubérculos (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Nessa busca por melhor entender o rizoma, deve-se atentar para os princípios a ele atribuídos. A conectividade remete a ideia de que todos os pontos podem ser conectados no sistema rizomático, sem hierarquia ou referência central.

A heterogeneidade parti da noção de uma realidade complexa em que “diferentes estatutos de estado de coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.14) coexistem movimento, possibilitando a formação de conexões diversas e múltiplas. Dessa forma, não se pode pensar em uma coisa ou outra, mas sim uma coisa e outra.

A análise da língua, que carrega consigo “(...) modos de agenciamento e tipos de poder sociais particulares” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14), não se limitando ao que se diz e aos seus significados expressos, exemplifica o princípio da conectividade e da heterogeneidade associadas (BARRETO; CARRIERI; ROMAGNOLI, 2020).

Sobre o princípio da multiplicidade, diz respeito a desvencilhar do pensamento dicotômico, isto é, a separação binária entre os elementos: bem e mal; objeto e sujeito; homem e mulher. Nesse sentido,

Para os autores, essa forma de compreender a vida não é capaz de traduzi-la, uma vez que são várias as conexões e as linhas que se cruzam, são agenciamentos, movimentos. Como expõem os autores, “Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (BARRETO; CARRIERI; ROMAGNOLI, 2020, p.01 *apud* DELEUZE E GUATTARI, 1996, p. 16).

Em se tratando do princípio da ruptura, está associado a impossibilidade de uma ruptura definitiva de um rizoma. De forma que, esse sistema compreende e abarca o diferente, existindo espaço para novas formas constantemente. Uma das marcas desse princípio é a prevalência do temporário. Nas palavras de Deleuze e Guattari (1996, p. 17), “O bom, o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada.”

Finalmente, o princípio da cartografia e o do decalque. A ideia rizomática se opõe a ideia de uma árvore, no sentido de possuir um eixo central. Assim, o modelo da árvore raiz é “descalque”, representação ao infinito, o rizoma é “mapa”, “[...] voltado para uma experimentação ancorada no real”, aberto, desmontável, reversível, sujeito a modificações permanentes, sempre com múltiplas

Para os demais princípios, ruptura, cartografia e decalque, que no rizoma desenham-se configurando um mapa inacabado, que compõe sempre num devir, já que seu mapeamento pode ser constituído a qualquer tempo. Nesta perspectiva, o letramento apresenta-se como mapa e que permite o rompimento entre seus limites, redesenhando novas cartografias.

Nesta perspectiva, o letramento possibilita uma construção significativa, autêntica e criativa, integrando várias partes de informação disponíveis na rede. Para Borges (2016), é necessário o letramento de ramificação, isto é, um letramento que integra as possíveis vias de informação disponíveis no intervalo de links e hipertextos.

Considera-se, pois, que as ramificações diz respeito ao conceito de rizoma e permite a composição de um mapa livre, em múltiplos domínios do conhecimento, com uma vasta possibilidade de navegação. Conquanto, formar conhecimentos com as diversas peças de informação, apresentadas de maneira não-linear, se torna uma tarefa complexa.

Nesse sentido, o estudioso Eshet-Alkhalai (2004) explica que o letramento de ramificação produz o pensamento multidimensional, e constitui uma habilidade de sobrevivência para a execução de atividades, na era da informação.

Diante disso, Souza (2007, p. 60) complementa a análise,

O conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador, de maneira crítica e estratégica, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente.

Portanto, o letramento digital dentro do contexto do rizoma apresentado por Deleuze e Guattari torna possível o entendimento a partir de um olhar de entrelaçamento das práticas e sentidos que envolvem o letrar-se digitalmente.

Considerações Finais

De modo geral, o letramento digital não se refere somente ao domínio de ferramentas tecnológicas, mas também as diversas práticas de interação midiáticas que ocorrem nos mais diversos espaços digitais. Ademais, respondendo à questão norteadora, o letramento digital consiste na seleção, interpretação, avaliação das informações disponíveis digitalmente. E, torna-se possível construir, explorar e pesquisar, ensinar e criticar, entendendo as redes de práticas sociais.

Quanto às considerações sobre o rizoma, tem sua ideia imagem oriunda da botânica e apresenta-se numa haste subterrânea com ramificações em todos os sentidos, a exemplo dos bulbos. A perspectiva rizomática concerne a forma de compreender a vida como um sistema de conexões, que não se identifica o início e o fim.

As contribuições, portanto, do olhar rizomático sobre o conceito de letramento digital, permite repensar nas práticas digitais dos aprendizes que se interconectam, desenvolvem, ampliam, mudam em outras. Por conseguinte, os elementos envolvidos no letramento digital, práticas sociais e linguísticas, se entrelaçam um aos outros, tal qual um rizoma.

Finalmente, as concepções de letramento digital e a ideia rizomática de Deleuze e Guattari elucidada quanto a um fenômeno novo, por isso pouco consistente teoricamente, e detentor de elementos ainda desconhecidos a serem explorados e aprofundados.

Referências

- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2003, n.22, p.89-100. Disponibilidade em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a09.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.
- BARRETO, R. O.; CARRIERI, A. P.; ROMAGNOLI, R. C. O rizoma deleuze-guattariano nas pesquisas em Estudos Organizacionais. **Cad. EBAPE.BR vol.18 no.1** Rio de Janeiro: Epub. Apr., 2020.
- BONILLA, M. H.S.; PRETTO, N. D. L. orgs. **Inclusão digital: polêmica contemporânea** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, 188p. ISBN 978-85-232-1206-3. Available from SciELO Books.
- BORGES, F. G. B. Um olhar rizomático sobre o conceito de letramento digital. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. (55.3): 703-730, set./dez. 2016.
- BUZATO, M. E. K. **Letramento digital abre portas para o conhecimento**. Entrevista ao Educarede em 23 jan. 2010. Disponibilidade em <http://www.educarede.org.br> Acesso em 06 Jan 2021.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol.1.Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol.1./Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p. 94 (Coleção TRANS).
- ESHET-ALKALAI, Y. (2004). **Digital literacy: A conceptual framework for survival skills in the digital era**. Journal of Educational Multimedia and Hypermedia, 13 (1), p. 93-106.
- KLEIMAN, A. **Os significados do Letramento**. São Paulo, Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- LEMONS, A.; CUNHA, P. (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina.
- LÉVY, P. (1999). **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34.
- SCHONS, M. M.; VALENTINI, C. B. **Movimentos de letramento digital nas práticas de leitura e escrita: um estudo de caso de uma criança do ensino fundamental**. In: Seminário de Pesquisa em Educação da região sul. ANPED Sul. IX. Caxias do Sul-RS, 2012.
- SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**. Campinas, pp. 143-160. Disponibilidade em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 11 Jan 2021.
- SOUZA, R. M. de. Rizoma deleuze-guattariano: representação, conceito e algumas aproximações com a educação. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE**. Número 18: maio-outubro, 2012.
- SOUZA, V. V. S. (2007). Letramento digital e formação de professores. **Revista Língua Escrita**, n. 2, pp. 55-69.
- TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. 7ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Recebido em 16 de maio de 2022.
Aceito em 22 de junho de 2022.